

## PARTICULARIDADES ANTROPOLÓGICAS DO DESENVOLVIMENTO DO ESPIRITISMO NO BRASIL

Humberto Schubert Coelho \*

### Resumo

Em vista da anormalidade histórica do sucesso do Espiritismo no Brasil, e em face, inclusive, de sua decadência na Europa, desenvolveu-se desde cedo uma consciência forte e particular de identidade religiosa brasileira na comunidade espírita. Da literatura profética à sociológica, o pensamento espírita foi marcado pelo orgulho e apreensão derivados de seu isolamento. Independentemente dos detalhes deste discurso, ele teve a importância de desenvolver a meditação sobre a identidade nacional em seus caracteres morais, místicos e escatológicos, num grau que não poderia ser experimentado por outras confissões que também não estivessem ilhadas num único país. Nosso trabalho pretende tanto especular sobre condições histórico-antropológicas favoráveis a este florescimento, quanto mensurar os frutos desta ocorrência para uma interpretação da identidade religiosa brasileira.

**Palavras-chave:** Identidade, Espiritismo, Antropologia-Filosófica, História, Culturalismo.

### Abstract

As a consequence of the abnormal success of Spiritism in Brazil, a fact that was not repeated in any other country, the spiritist community developed a strong and particular sense of identity, in a close connection to their own image of Brazilian identity. From the prophetic to the sociological literature, spiritist thought was shaped in pride and awe before its isolation. Independently of its details, the spiritist discourse on historical self-understanding fragmented itself in very specific and intense meditations on morals, mystics and scatology, in a way that could hardly have its origins in a more international tradition. We intend to grasp historical and anthropological conditions that could have contributed to this flourishing of a new concept of identity, not forgetting to weight its impact on current and new interpretations of Brazilian religious identity.

**Keywords:** Identity, Spiritism, Philosophical Anthropology, History, Culturalism.

### 1. Conceito de identidade e tipo de antropologia:

A elaboração de um conceito de identidade nacional ou mesmo de um tipo mais abrangente não goza de existência própria sem uma precisa delimitação da espécie de abordagem empregada. Em nosso caso, seria conveniente confessar antes de qualquer recurso que a antropologia aqui praticada é a filosófica ou teórica, cujas fontes empíricas são as instituições políticas, a vida religiosa, a arte e outros elementos que, mais do que uma mera empiria, manifestem claramente uma

---

\* Humberto Schubert Coelho. Doutor em Ciência da Religião (UFJF):  
humbertoschubert@yahoo.com.br.

configuração espiritual (Hegel, Dilthey) da cultura. Com isto ignora-se (a título de simplificação) as vertentes mais populares dos estudos antropológicos de nossos dias. Há, contudo, boas razões para assim proceder. (1) A antropologia empiricista das ciências sociais atém-se comumente ao estudo de casos, sem preocupação em generalizar os fenômenos para conclusões teóricas ou juízos sobre a população como um todo, e este comportamento contradiz a teoria espírita sobre as identidades nacionais, como veremos. Ademais, (2) o conceito de identidade aqui buscado já é ele mesmo uma formulação ideal, baseada em um quadro filosófico-metafísico, o que exige imediatamente um tratamento essencialmente especulativo.

Para efetuar esta antropologia do “espírito brasileiro”, recorreremos a um grupo mais ou menos coeso de filósofos e sociólogos afinados com a ideia da possibilidade de descrição dos fenômenos sócio-históricos a partir de, sobretudo, causas culturais, com destaque para aquelas em que o indivíduo pode exercer seu carisma e seu gênio na alteração dos rumos das comunidades. Com bases em Max Weber, Ernst Troeltsch, Mircea Eliade, Ernst Cassirer, além de desenvolvimentos e adequações ao caso brasileiro por parte de Ricardo Vélez, Antônio Paim e Meira Penna, definiremos o instrumental analítico como uma forma de filosofia da cultura ou antropologia filosófica.

No plano de uma antropologia das ideias é certo que o diagnóstico do pensamento coletivo tem prioridade absoluta sobre formas mais ou menos inconscientes de comportamento. Com isso Antônio Paim se torna o único guia possível na análise do espírito brasileiro.

Convém ainda parafrasear Antônio Paim quanto ao aspecto transcendental e anti-marxista do culturalismo. A partir de uma noção totalitarista de ciência e filosofia, o marxismo extrapola certos conceitos puramente abstratos para o campo sociológico, equalizando populações e culturas a um mesmo “destino histórico”.<sup>1</sup> O culturalismo, sob inspiração kantiana e tendo-se desenvolvido definitivamente na escola de Marburg, defende precisamente a pluralidade (liberal) das organizações e dos “fins” de um projeto nacional, considerando seriamente as origens e a construção histórica de cada povo. A alternativa totalitária, contudo, foi a que lamentavelmente prevaleceu no ideário brasileiro, visto casar-se perfeitamente com as inspirações teóricas prévias do catolicismo e do positivismo.

---

<sup>1</sup> PAIM, Antônio. *A problemática do culturalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 8-9.

Os critérios objetivos para caracterizar um pensamento nacional são (a) inquestionavelmente: a linguagem e o desenvolvimento histórico-cultural; (b) arguivelmente: concepções cosmológicas vigentes, auto-compreensão da relação e papel da nossa nação com as outras, posições filosóficas preferenciais.<sup>2</sup> Ricardo Vélez, fazendo avançar o estudo dos componentes ideativos da cultura brasileira atinge grandes resultados na conceituação dos valores, particularmente daqueles relacionados à atividade política. Com certa ênfase nos vícios da mentalidade brasileira, com fins à sua reabilitação, distingue as raízes históricas, linguísticas e estético-literárias destes componentes superiores da alma nacional,<sup>3</sup> notando-se, entretanto, um desinteresse ou quase esquecimento da religião e da espiritualidade entre os fatores de causalidade deste espírito nacional, ainda que haja apontamentos esporádicos a este respeito. Finalmente, Meira Penna parece cobrir parte desta lacuna em sua obra, que reúne a herança do culturalismo de Paim a uma forma peculiar de antropologia assentada sobre Jung e diversos fenomenólogos (onde não se deixa notar também um forte aroma de Ortega y Gasset).

Contudo, no estado atual da pesquisa, a inteira repercussão da tese culturalista brasileira sobre o campo religioso resta por fazer.

## **2. A explicação espírita para as identidades nacionais:**

Do ponto de vista externo, o Espiritismo pode ser caracterizado como braço do Neo-protestantismo<sup>4</sup>, ou, numa visão mais recente, mas não necessariamente mais apropriada, como consequência do socialismo espiritualista francês.<sup>5</sup>

Paralelamente, e sem que qualquer dos autores supracitados o saiba, o Espiritismo, doutrina religioso-filosófica que vingou praticamente apenas no Brasil, possui um conceito de identidade nacional muito similar ao da tese culturalista.

---

<sup>2</sup> Os dois primeiros e mais objetivos aspectos constam como no original, os demais, por serem justamente problemáticos e algo subjetivos, foram aqui interpretados tendo-se em vista também outros autores considerados neste texto. PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. Vol 1, Londrina: Edições Humanidades, 2007. p. 20-34.

<sup>3</sup> VÉLEZ Rodríguez. Ricardo. *Patrimonialismo e a realidade latino-americana*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica Editora, 2006; ou VÉLEZ Rodríguez. Ricardo. *A Análise do Patrimonialismo Através da Literatura Latino-Americana*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica Editora/ Instituto Liberal, 2008.

<sup>4</sup> TROELTSCH, Ernst. *Gesammelte Schriften*. Tübingen: Paul Siebeck, 1925. Obs: Me refiro ao quarto volume, intitulado *Aufsätze zur Geistesgeschichte und Religionssoziologie*.

<sup>5</sup> SHARP, Lynn L. *Secular Spirituality: Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-century France*. Plymouth: Lexington Books, 1965.

Diferencia-se, no entanto, de forma clara pelo seu teor profético, bem como pela inserção da teoria reencarnacionista como elemento explicativo de diversas de suas nuances.

Antes de lidar com as conclusões espíritas sobre a identidade brasileira, interessa-nos, então, ter diante dos olhos a origem do conceito de identidade nacional no Espiritismo.

O conceito certamente remonta já a Kardec, ainda que de forma muito vaga. Considerando-se que o hegelianismo de Cousin e as teorias românticas sobre os caracteres nacionais (sobretudo de Madame de Staël), compõem parte da formação básica de Kardec, não é de estranhar que o tema já estivesse entre as preocupações de Kardec ao longa da formulação de *O Livro dos Espíritos*, mas é certamente a partir deste que a ideia de famílias espirituais expressas pelas distintas etnias e povos se elabora de forma ostensiva.<sup>6</sup>

Com Léon Denis, ainda na França, estabelece-se a ideia de destinação do solo.<sup>7</sup> Falando mais especificamente da França, observa-se, segundo Denis, uma clara vocação mística do solo pátrio, desde os cultos célticos, passando pela extraordinária liderança espiritual da França cristã, até culminar no Espiritismo, que não poderia senão assentar sobre o solo francês.

Como é típico ao conceito profético de destinação há uma constrangedora discordância quanto ao povo escolhido. No caso particular do Espiritismo, a coroa de povo eleito é disputada pela França e pelo Brasil, não havendo aparentemente outros candidatos. Isso jamais chegou a ocasionar discussões sérias, pois a decadência do Espiritismo na França marcou o momento exato de sua consolidação no Brasil, mas ainda assim formulações como a de Denis permaneceram sem resposta, ao menos até os anos 1930.

Por esta época surge de forma retumbante a obra de Chico Xavier, o grande médium do Espiritismo, acima de qualquer controvérsia, a quem não faltava, entre outros, o dom profético de receber informações do além sobre os destinos do mundo e dos povos.

---

<sup>6</sup> Mais precisamente no capítulo III, a partir da pergunta 52. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 68

<sup>7</sup> Há referências sutis em diversas obras, mas a tese é explicitada em: DENIS, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*. Rio de Janeiro: Editora Léon Denis, 2008.

Dentre as inúmeras alusões à destinação da Terra e da pátria brasileira em especial, destacam-se duas obras, sendo uma delas *A Caminho da Luz: A História da Civilização à Luz do Espiritismo* (1938), do espírito Emmanuel. Nesta obra se revela primeiramente a ascendência absoluta de Jesus Cristo sobre quaisquer outros fundadores de religião. Nesta perspectiva, Buda, Confúcio ou Moisés seriam discípulos de Jesus, enviados para revelar as mesmas verdades a outros povos ou épocas, para que a luz brilhasse para todos. Infelizmente, porque a carne obscurece a memória do espírito, nem todos os enviados completaram a contento a sua missão, de modo que o Evangelho de Cristo é o vértice da balança segundo o qual todas as demais revelações podem ser julgadas.

Desta forma se estabelece claramente um padrão normativo para a teologia, que não poderia admitir relativismos, ao passo que, ao mesmo tempo, todas as tradições estariam previamente assumidas como irmãs, sem a necessidade de diferenciação. Uma tese evidentemente afim à da filosofia perene.

Com isto permitimo-nos expressar nossa primeira “suspeita” antropológica a de que esta proposta de uma absolutidade do Cristianismo com acolhimento das mais diferentes tradições casou-se perfeitamente com a realidade cultural brasileira, de predominância do Cristianismo com expressiva presença e intercâmbio com outras formas religiosas radicalmente distintas.

As gerações posteriores aos anos 1920 e 1930 contaram com forte miscigenação inter-religiosa, particularmente com a umbanda, que ao contrário das igrejas cristãs também adotava francamente o intercâmbio com os mortos. Também as religiões da Índia (difícil de saber se sob influência da teosofia), com sua ênfase na imortalidade da alma e na reencarnação, começaram a compor ativamente o quadro dos interesses dos espíritas.

Voltando à obra de Emmanuel, a “missão das Américas” é assim descrita:

O Cristo localiza nas Américas as suas fecundas esperanças. Nesse [sc. em referência às cruzadas e às guerras de religião do início da Reforma, HSC] Nesse campo de lutas novas e regeneradoras, todos os espíritos de boa-vontade poderiam trabalhar para o advento da paz e da fraternidade, e foi por isso que, laborando para os séculos porvindouros, definiram o papel de cada região no continente, localizando o cérebro da nova civilização no ponto onde hoje se alinham os Estados Unidos da América, e o seu coração nas extensões da terra farta e acolhedora onde floresce o Brasil... Os primeiros guardam os poderes materiais; os segundos guardam as primícias dos poderes espirituais.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Pelo espírito: Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1996. p. 172-173.

Na sequência do texto o perfil do cidadão americano é traçado. Afinal, se os espíritos constituem famílias, que ao final formam os distintos povos, como pode um povo formar-se espontaneamente. A explicação que o Espiritismo dá para este fenômeno é o da migração no mundo espiritual. Assim como as populações exaustas das lutas na Europa ou na Ásia migram para o Novo Mundo, também as almas dos mortos são para lá recambiadas, na medida em que desistiram ou se desiludiram com o ambiente tenso do Velho Mundo.

Assim temos o segundo traço da identidade brasileira, ou americana em geral, o desgaste com as disputas territoriais e religiosas e uma forte ânsia de se viver a vida simplesmente.

Complementando a análise de Emmanuel sobre a história mundial, o espírito Humberto de Campos escreve logo a seguir, também através de Francisco Xavier, um estudo sobre a história do Brasil do ponto de vista dos espíritos: *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho* (também escrito em 1938).

O título já assume não apenas uma postura conclusiva sobre o caráter nacional, como o põe em perspectiva superior em relação às demais nações. O livro surge no momento histórico exato em que a decadência do Espiritismo europeu e a fraca proliferação de núcleos e atividades em quaisquer outros países começava a embalar a pergunta acerca do evidente isolamento da doutrina no Brasil. Afinal, por quê após ecoar pelo mundo, o Espiritismo enraíza somente no Brasil? O livro de Humberto de Campos vem revelar os fundamentos espirituais da eleição do Brasil como farol espiritual do mundo.

Das alturas celestes, Cristo teria escolhido as terras brasileiras para receber os seus missionários reencarnados. Entre as várias razões elencadas para esta escolha, destacamos: 1- o Cristianismo não foi conspurcado, no Brasil, pelas guerras religiosas;<sup>9</sup> 2-o caráter acolhedor e fraterno dos povos aí reunidos, que lhes permitiram viver em harmonia sem quaisquer conflitos de ordem étnica ou cultural; 3- a postura de neutralidade e pacifismo diante de vizinhos e de outras nações, o que torna o país, senão amigo de todos, ao menos inimigo de ninguém.

Destas a primeira naturalmente é a causa primária, para a qual as demais concorrem a título de confirmação. Importante notar que, como em outras nações, os gênios e pais da pátria são selecionados pelo próprio Cristo e enviados com

---

<sup>9</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Pelo espírito: Humberto de Campos. Rio de Janeiro: FEB, 1939. p. 13.



missões progressistas. Exemplos citados no livro são: Tiradentes, José Bonifácio, Dom Pedro II e Bezerra de Menezes (peça chave da implantação do Espiritismo no Brasil).

Tal proteção celestial cessou com o advento da República, pois, conforme revela o autor espiritual, este marco sinalizou a maioria política do país, a partir da qual o povo haveria de se organizar conforme o próprio arbítrio.<sup>10</sup>

A obra de Humberto de Campos é bem afinada com a de Emmanuel, e a literatura posterior acerca da identidade brasileira, conquanto merecesse menção particular, não deixa de ser em algum sentido uma repetição destes argumentos.

### **3. A identidade brasileira no entender dos culturalistas:**

Tendo visto suficientemente a abordagem espírita sobre a identidade brasileira, tentemos agora imaginar onde ela se encaixa no plano antropológico dos autores previamente citados.

Como já declarado, o embaixador Meira Penna é a figura que mais se aproxima de uma conceituação paralela ou traduzível em termos próximos ao da confissão espírita, com a ressalva de que o culturalismo de Penna é extremo: todo o nosso espírito é introjetado em nós pelos mitos, pelos escritores e pelas práticas psico-sociais. Na análise fenomenológica de Meira Penna, o caráter brasileiro se revela: místico, sensualista, extrovertido, emocionalmente maduro<sup>11</sup>, patrimonialista.<sup>12</sup>

Todos os elementos são moral ou qualitativamente neutros, podendo se manifestar como vantagem ou desvantagem. O patrimonialismo seria naturalmente um dos elementos mais tendentes ao impedimento das relações políticas e econômicas maduras, não deixando de ter certas vantagens.

De forma tipicamente brasileira, Penna aponta para a sensualidade como elemento central e mais benéfico em nossa constituição espiritual. É esta peculiaridade que nos permite converter o preconceito norte-atlântico sobre nossa “inferioridade” e “pecaminosidade” em vantagem moral. Simplesmente porque a sensualidade opõe-se ao individualismo, e este é tanto o elemento da ordem como

---

<sup>10</sup> XAVIER, 1939. p. 149-150.

<sup>11</sup> Imune ao idealismo (o que pode ser positivo ou negativo) e dado à ironia e a um saudável cinismo (estes dois últimos inteiramente positivos).

<sup>12</sup> Quanto a este último aspecto é imprescindível a leitura da obra de Ricardo Vélez Rodrigues. (VÉLEZ, 2006).

da indiferença (Tocqueville?). O individualismo anglo-saxão produz uma ordem fria, um sentido temeroso e tímido de privacidade, e quase fatalmente produz uma indiferença crônica entre os homens. O sensualismo é o uso (positivo ou negativo) do instinto gregário, que primeiro se destaca no gosto pelo sexo oposto, mas que pode ser educado e convertido em simpatia e afeição.<sup>13</sup>

O sensualismo é marcado, mas não esgotado pelo erotismo. É também manifesto pelo abraço, pela hospitalidade calorosa, por uma proximidade quase íntima e que é dada como pressuposto. É efetivamente uma forma de empatia e de carisma.

“No limiar da transcendência o sentimento se transfigura. Eros torna-se *ágape, philia, caritas, dilectio*. É por isso que tão fácil e complicado, ao mesmo tempo tão alegre e sério, tão desinibido, tão profundo e refinado pode ser o amor no Brasil.”<sup>14</sup>

Esta realidade é atestada pelas figuras eróticas da literatura brasileira, como Dona Flor ou Gabriela, que por sua sensualidade desinibida e pura se convertem em figuras carismáticas, queridas. Não se trata, então, de pura promiscuidade, mas de uma ânsia por viver um “saudável hedonismo”, um gosto pelo outro que começa em erotismo e termina em amizade e amor. Isto não pode jamais substituir o dever moral, mas, numa forma educada, pode mesclar-se a ele.

Os estudos de Meira Penna nos dão a entender bem que “partes” do espírito brasileiro poderiam se destacar como distintivos de nossa elevação civilizatória. Bem outro é o entendimento do grupo de Antônio Paim e Ricardo Vélez.

Na análise Paim-Vélez, os graves problemas ético-políticos enfrentados pelos brasileiros têm seguramente sua explicação em condições culturais. Para delinear-las recorrem a uma extensa historiografia de Portugal, suas instituições e

<sup>13</sup> Esta análise é análoga a inúmeras outras formulações sobre a diferença entre latino e norte americanos. Para citar apenas um exemplo (poderíamos até mesmo voltar a Weber), o artigo de Viter Westhelle, *Entre Américas: convergências e divergências teológicas*, contrapõe as matrizes ético-religiosas das Américas em termos de unidade na diferença (norte) e distinção na unidade (latina). Assim, “Enquanto na América do Norte o outro era e é visto sob uma perspectiva patológica, que, para o bem do organismo, deveria ser “curado” ou eliminado. Na América Latina, o outro era e ainda é, em larga medida, não o diferente a ser negociado, mas o distinto a ser incluído em um sistema patrimonial em que esse outro tem o seu lugar e deve saber que lugar é esse... Morse resume a distinção usando o lema da federação dos Estados Unidos, *e pluribus unum*, da pluralidade constrói-se a unidade; enquanto nos países latinos vale o contrário, *ex uno plures*, a partir da unidade temos a pluralidade.” CRUZ, Eduardo R. da & DE MORI, Geraldo (Org.). *Teologia e Ciências da Religião: O caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011. p. 28-29.

<sup>14</sup> MEIRA PENNA, J. O. de. *Em Berço Esplêndido: Ensaio de psicologia coletiva brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 181-182.



formas de pensamento, após o que iniciam o estudo do amadurecimento da cultura brasileira passo a passo. Neste cometimento encontraram os problemas do cartorialismo, do complexo de clã, do estatismo e do sonho (ibérico) de se conquistar riquezas (ao invés de as produzir), entre outros. No campo político ainda se destaca a queda pelo caudilhismo e outras formas de totalitarismo.

O quadro do espírito do povo brasileiro compõe-se, assim, de modo algo pessimista, o que não poderia deixar de ser, visto o enfoque político do pensamento de Paim e Vélez. Mas, a solução empregada por ambos os autores aproxima-os novamente de estudos mais normativos, pois, como é evidente aos culturalistas, é na educação que anteveem as possibilidades de superação de nossos vícios ético-políticos. Mais especificamente, ressaltam o advento infeliz da expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal<sup>15</sup> e, com isto, o fim da veia humanística na educação básica do Brasil, bem como sua substituição por ideários positivistas que não haveriam de ser abalados senão em fins do século XX. Tal educação humanística poderia ser tanto reinserida por uma influência religiosa moderno-progressista, quanto por (a exemplo dos tigres asiáticos) profunda reforma educacional.<sup>16</sup> Esta educação liberal e para a liberdade vem completar o déficit de valores que ocasionam o atraso sócio-econômico e político da América Latina em geral. E com isto fazemos a ligação entre as características puramente positivas ressaltadas pelo Espiritismo e o diagnóstico das patologias culturais brasileiras, empreendido por Paim ou Vélez.

O Espiritismo, enquanto é uma espécie de rebento do Iluminismo e do Neo-protestantismo, entende a si próprio como portador de uma missão educacional para a humanidade. Como ele historicamente tomou o Brasil como sua sede mundial, é mais do que natural que tenha voltado todas as ferramentas de sua proposta libertária para a realidade brasileira, a que lhe é mais premente.

#### 4. Conclusão:

Pensamos ter demonstrado que, ao menos segundo a tese culturalista, o sucesso do Espiritismo no Brasil, e exclusivamente nele, pode ser justificado por algumas das variáveis que constituem o espírito nacional. Ao mesmo tempo, seria

---

<sup>15</sup> PAIM, 2007.

<sup>16</sup> GUIMARÃES, Aquiles Côrtes; PROTA, Leonardo (org). *Filosofia e Cultura: escritos em homenagem a Antônio Paim*. Londrina: Edições Humanidades, 2009. p. 38-39.

temeroso, sob risco de olvido do objeto analisado, ignorar a o ponto de vista da própria confissão de fé sobre sua situação e história. E ao dar voz a esta confissão, julgando-a por seus próprios termos, nos aproximamos de fazer, com todas as ressalvas merecidas, alguma espécie de “teologia espírita”.

Se tivéssemos empregado uma abordagem menos humanística que a do proposto culturalismo, teríamos quase certamente solapado os critérios transcendentais desta doutrina que tão explicitamente os declara. Esta adequação, contudo, não significa anuência com o ponto de vista interno da religião sobre sua realização histórica, mesmo ao fornecer paralelos e analogias hermeneuticamente afins.

A bem da verdade, o Espiritismo é uma forma francesa de protestantismo, e, por isso, convive com uma tensão interna dos extremos de duas regiões espirituais. O seu individualismo é extremo, de uma meritocracia militar que prescinde e até zomba da ideia de graça, ao passo que o lirismo e o sensualismo católicos não lhe são menos queridos. Sua moralidade não é avessa à invasão estética, e mesmo a procura. Em consequência disto, votos individuais e espontâneos de castidade ou pobreza, vidas virtualmente monásticas e toda a espécie de arroubo emotivo pelos infelizes constituíram sempre experiências básicas dos espíritas. Sua índole espiritual, portanto, casa-se perfeitamente ao quadro que os culturalistas descrevem do cenário brasileiro.

### **Bibliografia:**

CRUZ, Eduardo R. da, DE MORI, Geraldo (org.). *Teologia e Ciências da Religião: O caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

DENIS, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*. Rio de Janeiro: Editora Léon Denis, 2008.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes; PROTA, Leonardo (org.). *Filosofia e Cultura: escritos em homenagem a Antônio Paim*. Londrina: Edições Humanidades, 2009.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

MEIRA PENNA, J. O. de. *Em Berço Esplêndido: Ensaio de psicologia coletiva brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

PAIM, Antônio. *A problemática do culturalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. Londrina: Edições Humanidades, 2007.

SHARP, Lynn L. *Secular Spirituality: Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-century France*. Plymouth: Lexington Books, 1965.

TROELTSCH, Ernst. *Gesammelte Schriften*. Tübingen: Paul Siebeck, 1925.

VÉLEZ Rodríguez, Ricardo. *A Análise do Patrimonialismo Através da Literatura Latino-Americana*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica Editora/ Instituto Liberal, 2008.

VÉLEZ Rodríguez, Ricardo. *Patrimonialismo e a realidade latino-americana*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica Editora, 2006.

XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Pelo espírito: Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Pelo espírito: Humberto de Campos. Rio de Janeiro: FEB, 1939.